

LUGAR DAS PRÁTICAS CORPORAIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Jaqueline Adriane Campos
Marilene Gomes
Licenciadas em Educação Física

RESUMO

O presente texto tem como objetivo apresentar algumas considerações em relação às práticas corporais na Educação de Jovens e Adultos (EJA) através da observação e análise do ensino da ginástica e da dança ocorrido numa escola da rede municipal de Belo Horizonte com estagiários do curso de Educação Física que cumpriam a disciplina de estágio curricular. Sendo assim, descrevemos uma breve contextualização da EJA, o projeto de Corpo e Movimento da escola pesquisada e apresentamos algumas reflexões das oficinas, a relação dos jovens e adultos com as práticas corporais e sua contribuição na formação dos mesmos.

ABSTRACT

This paper has as objective presents some considerations in relation to the corporal practices in the Education of Youths and Adults (EJA) through the observation and analysis of the teaching of the gymnastics and of the dance happened at a school of the municipal net of Belo Horizonte, with trainees of the course of Physical education that accomplished the discipline of apprenticeship curricular. Being like this, we described an abbreviation contextualização of EJA, the project of Body and Movement of the researched school and we introduced some reflections of the workshops, the youths relationship and adults with the corporal practices and his/her contribution in the formation of the same ones.

RESUMEN

El presente texto tiene cómo objetivo presentarles algunas consideraciones en relación a las prácticas corporales en la educación de jóvenes y los adultos (EJA) por medio de la observación y análisis del ensino de la gimnasia y de la danza ocurrió en una escuela de la red municipal de Belo Horizonte con los aprendices del curso de la educación física que cumplieron la disciplina del aprendizaje del plan de estudios. Entonces, describimos un rápida contextualización de la EJA, el proyecto del cuerpo y el movimiento de la escuela estudiada y presentamos algunas reflexiones de los clases, a relación de los jovenes y adultos con las prácticas corporales y su contribución en la formación de los mismas.

INTRODUÇÃO

Foi desenvolvido durante o segundo semestre de 2005, a oficina de ginástica para alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola da rede municipal de Belo Horizonte, com o objetivo de cumprir a disciplina de estágio curricular.

O modelo de estágio contou com a presença de um professor orientador na escola e estagiárias (autoras) e permitiu, ao longo do processo, um constante diálogo sobre a prática e das demandas apresentadas pelos alunos. Essa experiência foi muito significativa e ao mesmo tempo desafiante, provocando o interesse em aprofundar-se nos estudos sobre EJA e práticas corporais.

Em 2006, durante a pesquisa de campo, teve-se a intenção de entender a relação dos jovens e adultos com as práticas e sua contribuição na formação dos mesmos, a partir de questões como: Qual o lugar das práticas corporais em um projeto de formação na EJA? Qual o sentido da EF, tendo como objeto de estudo as práticas da cultura corporal, para esses alunos e no projeto da escola? Quais as possibilidades de abordagem significativa dos temas referentes às práticas corporais para o público da EJA?

Realizou-se então, um estudo de caso etnográfico, utilizando como procedimentos de pesquisa a observação das oficinas de práticas corporais, as entrevistas (com professores e alunos da escola pesquisada) e análise de documentos da escola.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

A EJA é uma modalidade da Educação Básica que se propõe a atender um público ao qual foi negado o direito à educação durante a infância e/ou adolescência, seja pela oferta irregular de vagas, pelas condições socioeconômicas desfavoráveis ou por outras razões.

Paulo Freire teve uma grande importância no contexto da EJA por organizar, na década de 60, iniciativas de Educação Popular em que os trabalhos levavam em conta alunos, o que instigou vários educadores a renovar seus métodos e procedimentos, tendo em vista a história de vida dos educandos.

A LDB 9.394/96 traz uma mudança conceitual de EJA, quando modifica o termo “ensino supletivo” para “Educação de Jovens e Adultos”. Segundo Soares (2002, p.15), “Não é uma mera atualização vocabular. Houve um alargamento do conceito ao mudar a expressão de ensino para educação. Enquanto o termo ensino se restringe à mera instrução, o termo educação é muito mais amplo, compreendendo os diversos processos de formação”.

Discute-se muito a EJA no campo das políticas públicas, uma educação contra exclusão, que respeite os direitos destes jovens e adultos, como relata Arroyo (2005, p. 26).

A EJA somente será outra do que foi e ainda é se for assumida como política pública, se for equacionada no campo dos direitos e deveres públicos. Esses avanços exigem clareza por parte dos diversos atores que intervêm nesse campo tão aberto e indefinido.

Para um trabalho significativo na EJA é necessário um constante diálogo com os sujeitos, seus saberes e suas demandas. A partir dessa relação é que se poderá construir uma proposta de trabalho significativo com jovens e adultos.

Os jovens e adultos estão voltando à escola devido aos diversos fatores, um desses é a necessidade da leitura e a escrita, no entanto, aprender a ler e escrever deve ser uma tarefa articulada à compreensão de mundo dos sujeitos. Como afirma Paulo Freire, “é impossível pensar-se na leitura da palavra sem reconhecer que ela é precedida pela leitura do mundo” (FREIRE E CAMPOS, 2001, p. 136).

Para Silva (2000, p. 34)

Se há algumas décadas atrás ler e escrever era privilégio de poucos, hoje é uma das condições para se transitar numa sociedade na qual a leitura e a escrita são mediadoras de uma enorme gama de bens e serviços produzidos socialmente.

Os sujeitos da EJA quando voltam à escola para aprender a ler e escrever trazem consigo diversas culturas que ficam impregnadas em seus corpos. A linguagem expressa pelo corpo informa sua identidade, seu modo de ser e agir. E é com essa diversidade que o ensino das práticas corporais deve dialogar para dar sentido à sua presença na EJA. Considerando à diversidade cultural e suas diferentes formas de manifestação, vemos no estudo das práticas corporais um abrangente e relevante campo de intervenção na EJA.

PROJETO DE EJA DA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR HILTON ROCHA (EMPHR)

A inclusão do ensino da EJA na escola pesquisada é uma conquista dos moradores do bairro onde se localiza. Os trabalhos acontecem desde março de 2003, sendo os sujeitos organizados em agrupamentos de *Alfabetização*, na perspectiva do letramento e matemática, *Intermediário*, com aprofundamento dos estudos acerca da língua e do raciocínio matemático e *Certificação*, que objetiva o aperfeiçoamento das competências e habilidades específicas ao ensino fundamental.

A escola, ao elaborar sua proposta para EJA propõe um rompimento com a lógica puramente disciplinar, propondo uma organização diferenciada, reconhecendo que os sujeitos dessa modalidade de ensino têm características próprias.

O currículo é organizado a partir das disciplinas de português, matemática e língua estrangeira e dos projetos Diversidade, Culturas Juvenis e Corpo e Movimento. No projeto Diversidade à escola trata das diversidades de raça, gênero, cultura, linguagens, propondo-se a desenvolver o respeito e a reflexão sobre estas diferenças. O projeto Culturas Juvenis oportuniza a reflexão, análise, apropriação e contextualização dos diferentes jeitos de ser jovem e adolescente por meio da educação. O projeto Corpo e Movimento propõe a realização de oficinas com os conteúdos da EF, por ser objeto deste estudo será explicado no próximo item.

PROJETO CORPO E MOVIMENTO

Os professores da escola pesquisada, não especialistas em EF, propuseram e iniciaram as atividades desse projeto, mas logo perceberam a necessidade de aprofundar os conhecimentos em relação às práticas corporais. Para isso houve na escola momentos de reflexão sobre o papel da EF na EJA com a presença de um profissional da área que foi mediador das discussões.

Segundo o Projeto Político Pedagógico da Escola:

Entendemos o trabalho de Corpo e Movimento numa dimensão cultural, englobando a cultura de movimento humano que se expressa nos jogos e brincadeiras, na dança, na luta, no esporte e na ginástica.

Ao final do segundo semestre de 2005, os professores fizeram um levantamento junto com os alunos da EJA sobre a inclusão da EF no currículo da escola. Foi realizada uma pesquisa entre os alunos para identificar quais conteúdos lhes interessavam, sendo estes transformados em oficinas (ginástica, dança, luta, esporte, jogos e brincadeiras), sendo então realizada uma parceria com um Instituto Superior de Educação, que oferecia curso de Educação Física para que os alunos dessa instituição desenvolvessem a disciplina de estágio.

A “Oficina Corpo e Movimento” acontecia sempre às segundas-feiras com o envolvimento dos professores, alunos e demais funcionários da escola. Com momento de reflexão dos estagiários, professores e orientadores de como seria o processo de ensino das oficinas, momento das aulas e ao final discussão sobre as atividades realizadas nas oficinas de corpo e movimento.

AS OFICINAS DO PROJETO CORPO E MOVIMENTO

No decorrer da pesquisa, optou-se por acompanhar as oficinas de ginástica e dança, para garantir uma análise em profundidade do processo vivido no ensino das práticas corporais. Escolheu-se a ginástica com o objetivo de confrontar com experiência das estagiárias em 2005, e a dança porque a oficina tinha em seu público, alunos de diversas idades, muitos não haviam tido contato anterior com a dança e se encontravam em um grande desafio.

Na oficina de ginástica, foram trabalhados alguns tipos de ginástica como localizada, alongamentos, step, hidrogenástica, etc. As aulas visavam a proporcionar a experimentação dessas atividades bem como a reflexão sobre o sentido delas, nos seus aspectos lúdicos, culturais e fisiológicos. Os participantes da oficina geralmente solicitavam muitas informações sobre a dimensão fisiológica, se interessando em conhecer as variáveis que influenciavam a intensidade das atividades, os benefícios e os malefícios que a prática da atividade física pode trazer para a saúde, conhecimentos sobre como manter tais práticas em seus momentos de lazer.

Assim, a discussão estabelecida no decorrer da oficina de ginástica se deu em torno de como e para que fazer esta ou aquela atividade, quais as vantagens de tais práticas e qual a melhor forma de fazê-las, visando a uma melhora do bem estar. Entende-se que esse movimento atendeu aos alunos da escola pesquisada, oferecendo-lhes informações que os mesmos podem utilizar no seu cotidiano. Além disso, a estratégia participativa de trabalho dos estagiários, permitia que os sujeitos se percebessem como construtores de conhecimento e não apenas como repetidores de atividades, o que motivava o envolvimento de todos.

Para o Coletivo de Autores (1992, p. 15), a ginástica “permite ao aluno a interpretação subjetiva das atividades ginásticas, através de um espaço amplo de liberdade para vivenciar as próprias ações corporais”.

Na oficina de dança foram trabalhados diferentes estilos de dança como forró, axé, merengue e funk, houve espaço para que alunos criassem seus próprios movimentos, desafiando os mesmo a realizar algo novo, se configurando como um momento de expressar seus sentimentos, suas angústias, o conhecimento do próprio corpo, etc.

A perspectiva de não apenas reproduzir movimentos estereotipados de danças, mas de também “reinventá-los” possibilitou um olhar significativo para as atividades dessa oficina. Conforme uma aluna, a oficina de dança é muito interessante, uma vez que “a dança deixa a pessoa mais desinibida”.

De acordo com Soares, (1996):

O prazer e a alegria não são finalidades da escola, mas são sentimentos presentes no caminho da criança e do jovem que vão ao encontro de um determinado tipo de saber ou que deveriam ir. A escola é um momento na vida de quem está em seu interior e não apenas uma preparação para um futuro.

Ensinar a dança na escola pesquisada abriu possibilidades para uma série de discussões, como o preconceito existente em relação aos homens que dançam, a construção e reconstrução de novos gestos, a percepção corporal do sujeito, a relação da mídia com a dança, entre outros.

Pacheco (1999, p.27) afirma que:

Toda dança comporta valores culturais, sociais e pessoais produzidos historicamente. Ignorar essas questões faz da dança uma mera repetição mecânica dos gestos, por mais agradáveis e belos que estes possam parecer-nos.

Considera-se que o trabalho da EF na escola pesquisada contribuiu para que os jovens e adultos ampliassem seu olhar para a cultura corporal, não numa perspectiva do fazer pelo fazer, mas de uma prática consciente, criativa e crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que a escola EMPHR oportuniza os jovens e adultos a se reconhecerem como sujeitos não apenas de deveres, mas, sobretudo de direitos. O retorno dos mesmos à escola é visto como uma grande oportunidade de reinserção/integração na sociedade.

Um dos aspectos necessários a ser considerados na EJA é o fato desta modalidade de ensino não poder ser entendida meramente como uma recuperação do “tempo perdido”. Estes jovens e adultos possuem suas especificidades, e demandam uma organização própria, estruturada a partir do conhecimento dos sujeitos ali presentes.

A escola pesquisada ao implementar sua proposta de trabalho com EF, mostrou entender que essa disciplina tem um objeto de estudo e que traz uma intencionalidade nas suas práticas. Isso pode ser percebido no relato da Diretora ao afirmar que as oficinas,:

Aguçam a consciência corporal das pessoas contribuindo para que se percebam individualmente e, ao mesmo tempo, coletivamente. Desafia as pessoas na medida em que têm que se comprometer com o outro, possibilita conflitos, ajuda a melhorar a auto-estima (diretora).

As oficinas desenvolvidas pelos estagiários trouxeram um movimento que aos poucos, nesta escola, começou a desconstruir o estereótipo de uma prática de EF que só “rola bola”¹. Alguns alunos da EJA têm essa expectativa de EF (como sinônimo de tempo livre) e talvez seja este um dos motivos de resistirem a algumas propostas das oficinas observadas. Apesar dessa resistência, a maioria dos participantes avaliou como relevantes às atividades oferecidas, apoiando sua permanência no tempo escolar da EJA.

As oficinas de práticas corporais oferecidas no projeto Corpo e Movimento entende-se a EF como um direito dos alunos, e, sobretudo, como uma disciplina que contribui na formação dos jovens e adultos, no sentido de conhecerem mais e de modo crítico o mundo em que vivem. O contato com a diversidade, a valorização da cultura, o conhecimento do corpo, a informação mais crítica sobre atividade física, o respeito às diferenças deram sentido à presença desse conhecimento na escola pesquisada.

Entende-se que ensinar a EF na EJA na perspectiva crítica da cultura corporal de movimento é uma possibilidade de valorização e conhecimento das produções corporais construídas pelos homens e ao mesmo tempo um espaço para que se possa ampliar, mostrar e reconstruir sua própria bagagem cultural, relacionando-se com a vida dos sujeitos. Nesse sentido, Souza (2005) reafirma a importância de não se separar conhecimento e vida, ciência e senso comum, pois o que se ensina dentro dos muros escolares não pode ser desconectado do que se vive fora deles, e trazer estas experiências do mundo cotidiano para dentro da escola é dar vida nova à própria escola. Assim, considera-se que o projeto Corpo e Movimento, na escola pesquisada, têm se apropriado do ensino da cultura corporal de movimento nessa direção, justificando sua inclusão no currículo da EJA da EMHR.

REFERÊNCIAS

BRACHT, V. Educação Física: Conhecimento e especificidade. In: SOUSA, E e VAGO, T. (Org). *Trilhas e partilhas*. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Cultura, p. 13-23, 1997.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia de Ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

¹ Expressão usada para caracterizar os professores que se limitam a entregar uma bola aos alunos, não fazendo nenhum tipo de intervenção.

FREIRE, P.; CAMPOS, M. D`O. Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. In: FREIRE, A. M. A. (Org.) *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: UNESP, 2001.

GIOVANETTI, M. A. C. C. e GOMES, N. L. *Diálogos na educação de jovens e adultos: organização por Leôncio Soares*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PACHECO, A. J. A dança na educação física: uma visão de literatura. In Congresso do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999, Florianópolis. *Anais*. Unijuí. 1999. p. 117 – 123.

SOARES, C. L. Educação Física: Conhecimento e Especificidade. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, Supl. 2, p. 6-12, 1996

SOARES, L. J. G. *Diretrizes Curriculares Nacionais: Educação de Jovens e Adultos*. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2002.

Marilene Gomes

Rua Pará de Minas, 1541 – Vila Ideal – Ibirité – MG

CEP: 32400-000

E-mail: megmary@oi.com.br

Jaqueline Adriane Campos

Rua Itapetininga, 245 – Cardoso – BH – MG

CEP: 30626-470

E-mail: jackdricampos@hotmail.com